

A TRANSFORMAÇÃO DA CORTIÇA COMO PATRIMÓNIO DE UM TERRITÓRIO E A CONSTRUÇÃO DE UM "PROJET-HÉRITAGE" A PARTIR DO LEGADO DA ATIVIDADE¹

*Liliana Cunha, Daniel Silva
e Marianne Lacomblez*

1. Trabalho, território e património

As relações entre a atividade de trabalho e o território têm sido objeto da nossa análise em diferentes contextos e a partir de diferentes eixos de reflexão (Cunha, s/d; Cunha & Lacomblez, 2021).

Propomos aqui pensar estas relações, por um lado, analisando a forma como o legado da atividade de trabalho é inscrito no território e contribui para a sua configuração e, por outro lado, discutindo como a sua sustentabilidade requer o reconhecimento coletivo desse legado como património - património de uma determinada atividade de trabalho, do setor em que se enquadra, da região onde a história do processo de patrimonialização se constrói.

A nossa asserção é a de que o território não é somente o “terreno” em que a história das atividades de trabalho e dos seus protagonistas é quotidianamente tecida. Pelo contrário, o território constitui uma categoria de análise pertinente no estudo das atividades de trabalho: ele é um espaço agido, produto também da atividade de trabalho e da construção de normas do *vivre ensemble* (Cunha & Lacomblez, 2012).

¹ O presente texto retoma as questões de investigação, os resultados e reflexão apresentadas num texto anterior publicado pelos mesmos autores: Cunha, L., Silva, D., & Lacomblez, M. (2021). Quand le travail est patrimoine d'une région : comment penser le développement d'un « projet-héritage » ? In L. Cunha et al. (Coords.), *Trabalho, Património e Desenvolvimentos* (pp. 195-201). Universidade do Porto - FPCE.

Face a mudanças nos contextos de trabalho que pronunciam o risco de desencastamento territorial dos modos de fazer, de que são exemplo os processos de transformação tecnológica, ganham relevância os estudos que consideram o território e o património (ou a sua descontinuidade) nas suas análises. Estes processos de transformação tecnológica impõem, pois, outros usos de si, e convocam debates de normas e de valores que reconfiguram os territórios de trabalho, para os tornar “habitáveis”.

Ora, se a reconfiguração do território se faz a partir das reservas de alternativas que a atividade de trabalho propõe (Schwartz, 2000), nem sempre as suas potencialidades transformadoras são objeto de atualização. Como podem estas reservas de alternativas contribuir para a afirmação de outros projetos, de outros sentidos de desenvolvimento?

2. Reservas de alternativas e *projets-héritage*

A nossa proposta de reflexão sobre este legado da atividade e da sua sedimentação no território, encontra eco no conceito de *projet-héritage* de Schwartz (2014):

"(...) por onde quer que o agir coletivo, ao longo do tempo, seja construído, projetos e alternativas vão apoiar-se sobre o legado adquirido e colocado em memória comum, sobre os patrimónios construídos na história (...). Mas, reciprocamente, a fabricação de projetos, voltados para o futuro a construir, selecionará, neste passado, segmentos de patrimónios coletivos suscetíveis de dar credibilidade a estes projetos. A herança permite a cristalização do projeto, mas retroativamente o projeto configura no passado a herança que o poderia prefigurar" (p. 10, tradução livre).

A discussão sobre as relações entre a atividade de trabalho no quadro de processos de mudança tecnológica, o território e o património, encontra pertinência heurística na referência a este conceito. Um *projet-héritage* é, simultaneamente, a construção de um património - em que se sedimenta o agir de diferentes protagonistas, a sua história, as suas reservas de alternativas (Schwartz, 2000), e as regiões onde têm lugar, e de que ele é síntese, mais ou menos visível, mais ou menos socializado - mas também o que dele se apreende como legado. Que escolhas determinam este legado? Como o tornar

disponível coletivamente? Como inscrever neste património e no seu legado uma perspetiva de transformação - do trabalho, do território, do *vivre ensemble*?

A abordagem cruza a referência a questões que perpassam os níveis macro e micro de análise. Sem a invocação do nível macro, a visibilidade e a socialização do património, construído pela atividade industriosa, compromete a sua ambição transformadora. Mas, só pela ancoragem no que revelam as situações concretas de trabalho, podem ser legitimadas as orientações estratégicas para o desenvolvimento. As dialéticas entre o projeto e a herança são construídas no tempo, são necessariamente plurais, e histórica e geograficamente diferenciadas.

3. Automação e reconstrução da experiência de trabalho no setor da cortiça

Para discutir estas dialéticas, apresentamos um estudo, atualmente em curso, no setor da cortiça, num "distrito industrial" da região Norte de Portugal². A pesquisa tem como objetivo explorar como, nos processos de transformação industrial que marcam este sector, a experiência de trabalho é considerada na intervenção e desenvolvimento dos processos de automatização. Os resultados aqui apresentados sustentam-se na análise da atividade de trabalho (Lacomblez, 2001), com recurso a observações em contexto real, registo de verbalizações, e entrevistas com trabalhadoras que têm como atividade a escolha de rolhas de cortiça, em função de diferentes classes de qualidade e de tipos de defeitos (Cunha, Silva, & Macedo, 2021).

3.1. O setor da transformação da cortiça encastrado num "distrito industrial"

Em Portugal, o setor da cortiça apresenta uma organização particular em termos de localização geográfica dos seus subsectores: a produção da matéria-prima (produção suberícola) localiza-se principalmente no sul de país, enquanto a indústria transformadora se localiza sobretudo no norte do país. De acordo com os Quadros de

² Estudo desenvolvido no âmbito do Projeto CORK-In - Capitalizar, Organizar, Regenerar Know-How na Indústria, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Pessoal do Gabinete de Estratégia e Planeamento (Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social), referentes ao ano de 2017, e cedidos pela Associação Portuguesa da Cortiça (APCOR) à equipa de investigação, das 642 empresas industriais de cortiça existentes em Portugal, 487 localizam-se no concelho de Santa Maria da Feira, onde trabalham 6544 trabalhadores - o que corresponde a 79% dos trabalhadores na indústria corticeira (APCOR, 2021). Nesta região, as empresas encontram-se agrupadas sob a forma de cluster, interligadas e localizadas numa área geográfica restrita, fazendo deste território um “distrito industrial” (Branco & Parejo, 2011).

A preservação deste distrito industrial é tributária de diferentes fatores (Becattini, 1991): (i) do facto de ser tendencialmente monosectorial, e ter um subsector mais representado - o de produção de rolhas de cortiça natural, essencialmente constituído por empresas de micro e pequena dimensão (74.5% destas empresas emprega entre 1 e 9 trabalhadores); (ii) de estas empresas se manterem interligadas em rede, tendo como eixo uma empresa de grande dimensão - a “empresa-âncora” -, que exerce regulação sobre a capacidade (e flexibilidade) produtiva das empresas que à volta dela coexistem; (iii) da existência de uma dinâmica de inovação tecnológica, instigada por “ameaças” externas (procura crescente de rolhas sintéticas e não de cortiça, a um custo significativamente menor, e não permeáveis ao “TCA” ou Tricloroanisole, vulgarmente identificado como “odor a rolha”, que contamina o vinho, e corresponde a um dos grandes desafios do setor), e a perspetiva pelas empresas de que o investimento tecnológico será a solução para garantir a diferenciação e vantagem competitiva neste segmento de mercado; e (iv) da capacidade de reação à pressão “heterónoma”, face à eventual emergência de outros polos de transformação de cortiça, localizados a Sul, e mais próximos da produção de cortiça.

É o património de saberes investidos na atividade que contribui para bonificar, de forma singular, o território onde esta indústria está fortemente ancorada. Não obstante, a realidade do trabalho dentro deste distrito industrial é diferenciada, designadamente, do ponto de vista do emprego (e.g., marcado por uma segmentação em função do género, como é o caso da atividade das escolhedoras, exercida exclusivamente por mulheres, ou da atividade

dos broquistas, exercida quase exclusivamente por homens) (Cunha, Silva, & Macedo, 2021), da estabilidade da relação salarial (posicionamento de cada empresa face à “empresa-âncora”), e das iniciativas de transformação industrial, fazendo subsistir questões que interpelam os projetos de automatização do percurso de transformação da cortiça.

3.2. O debate sobre os territórios da atividade de trabalho face aos limites da transformação tecnológica

Apesar de ser considerada uma “indústria tradicional” e cuja escala não é geralmente associada à inovação tecnológica (CEGEA, 2020), na verdade, tem existido uma evolução significativa no que diz respeito à introdução de solução de automação na fileira industrial da cortiça. De acordo com o último estudo de caracterização setorial (CEGEA, 2020), é expectável que estas mudanças tecnológicas sejam intensificadas. A pertinência da análise destas mudanças neste contexto advém, sobretudo, dos limites que o ponto de vista da atividade de trabalho torna visíveis relativamente aos processos de automatização.

3.2.1. A seleção automática é possível... convocando saberes-fazer da escolha manual

A inovação tecnológica na produção de rolhas é particularmente visível na atividade das escolhedoras (a atividade é exercida exclusivamente por mulheres). As máquinas automáticas introduzidas têm permitido dar resposta às exigências emergentes no setor, como, por exemplo, garantir níveis de produtividade mais elevados; ou assegurar a máxima qualidade do produto final, com um maior escrutínio da presença de TCA nas rolhas.

Retomamos o caso de uma das empresas que tem investido na introdução de tecnologia na seleção das rolhas, designadamente máquinas de “escolha automática” (máquinas “da raça” e de “desdobra” das rolhas)³. A capacidade produtiva aumentou: “são

³ As máquinas da “raça” e da “desdobra” são dois tipos de máquinas de escolha automática de rolhas. A primeira seleciona as rolhas de acordo com a classe, i.e., classifica as rolhas de acordo com nove classes de qualidade; a segunda faz a “desdobra” dentro de cada classe de rolhas (para cada classe de qualidade, a máquina identifica as rolhas que “descem” e que “sobem” de classe).

precisas 4 a 5 trabalhadoras para produzir [o equivalente a] uma máquina". Mas, o debate de valores não pode ser escamoteado da compreensão da atividade: "Não respeitam o nosso trabalho. A rolha fraca não conta, só conta a rolha boa e 'tens de fazer dez mil rolhas!' e não interessa o volume da rejeição. Só conta a rolha boa". "Que culpa tenho eu, se o produto tem ou não qualidade? O meu trabalho está mal feito se as que rejeito têm defeito?"

A singularidade do contributo da atividade é determinante para a preservação da transformação da cortiça neste território. Uma das trabalhadoras enaltece-o, e questiona a reconfiguração do território pelos avanços tecnológicos, "(...) o olho humano é insubstituível. Olhe, por exemplo, na escolha, um ano seco⁴ não é detetável pela máquina. É claro que máquina não se cansa e, humanamente, escolher uma hora não é o mesmo que escolher oito horas seguidas. Às tantas, já duvidamos se é o tapete que mexe, ou se somos nós..." E uma outra trabalhadora: "aqui escolhemos a rolha que a máquina não escolhe bem... Se a máquina escolhesse tudo...". "A máquina falha no reconhecimento! A identificar o defeito!" Na realidade, a escolha automática criou exigências suplementares na atividade, o grau de escrutínio é agora maior. Como foi referido pelo próprio responsável da empresa, "O que queremos é uma escolhadora que perceba da coisa e que olhe para a máquina e diga: 'a máquina está a escolher mal!' É preciso perceber". Este exemplo ilustra bem como o funcionamento (dito) automático da máquina de escolha faz apelo ao património da atividade.

Para além da escolha por deteção visual, um outro método de escolha tem vindo a ser introduzido: a escolha por deteção olfativa, ou *sniffing*. O *sniffing* consiste em cheirar as rolhas, previamente aquecidas pela "máquina de *sniffing*", com o intuito de identificar defeitos, que se traduzem em odores específicos, e que as escolhas automática e visual não detetaram.

A introdução desta máquina exigiu uma reinvenção, ainda em curso, do *corpo-si* (Schwartz, 2011): "há cheiros que ainda não sei o

⁴ Um defeito da rolha que tem origem na matéria-prima. É resultado de um ano muito severo de calor e secura, que afeta, no crescimento, o extrato da casca do sobreiro e lhe retira a elasticidade característica da cortiça, assumindo uma textura rígida presente num segmento da rolha, perceptível ao olhar e ao tato.

que é, se é bom ou mau..., na dúvida meto no médio [alcofa onde são colocados os cheiros que suscitam dúvidas às escolhedoras], e vai lá para cima para analisar no laboratório (...) A máquina tem 4 meses, há cheiros que se vê logo, mas aparecem cheiros pela primeira vez e ficamos sem saber”. Assim, para além da exigência de um maior escrutínio do ponto de vista da seleção visual, é exigida também a aquisição de uma memória dos defeitos das rolhas, perceptível pela discriminação de diferentes odores que lhe estão associados. Ainda que alguns destes odores possam ser descritos de forma aproximada, esta discriminação é possível apenas graças a saberes investidos na atividade pela memória dos sentidos, isto é, do corpo.

A configuração espacial e temporal da atividade foi, por conseguinte, transformada pela automatização.

Das análises conduzidas em contexto real, sobrevém a este propósito, o facto de o funcionamento automático das máquinas de seleção, para cumprir as exigências de qualidade definidas, ter sido possível apenas pela convocação e mobilização dos saberes-fazer prévios das escolhedoras, desenvolvidos através de anos de experiência nesta atividade. São disso exemplo os momentos de “fazer a amostra” para a reprogramação da máquina, em que os critérios visuais de escolha prevalecem, mas também a identificação de defeitos que a leitura ótica das máquinas ainda não consegue detetar.

A atividade de trabalho, atravessada pela técnica, contribui então claramente para a história deste sector e desta região, realçando que todo o ato técnico impõe reinvenções, mudanças no *corpo-si* (e.g., a seleção por *sniffing*), mas também uma evolução dos debates de normas/valores que as sustentam.

3.2.2. O ato técnico em debate a partir do *corpo-si*

A experiência das escolhedoras é um fator distintivo de competitividade para estas microempresas. Mas, esta experiência incorpora também saberes que perpassam todos os territórios que se revelam no seu trabalho - do montado (produção de cortiça) à seleção das rolhas (na transformação). A atividade de escolha afere a qualidade da rolha, mas muito mais: afere a qualidade de todas as atividades a montante, desde os cuidados com a árvore (e.g., salvaguarda do tempo mínimo entre um descortiçamento e o seguinte),

o crescimento e maturação da sua casca no montado, até à sua transformação na indústria. E estas trabalhadoras são confrontadas com a síntese dos processos de produção e de transformação, tendo desenvolvido saberes que os integram, e que, implícitos, se revelam incorporados no “tato”, no olhar e no olfato, como o ilustra o exemplo seguinte (Cunha, 2021).

Projeto CORK-In, registo de observação e de verbalizações, 16.10.2019

- “*Essa rolha está boa?*” [pergunta a trabalhadora ao olhar para uma rolha retirada do tapete durante a observação]

- “*Sinta a rolha! Esfregue-a nos dedos!*”

Digo que está rugosa, áspera.

- “*Tem prego*” - diz ela [cortiça “madeirenta”]

E continua:

- “*Pegue nesta. Vê essa mancha acastanhada? Raspe com o dedo!*”

Raspo e surge um sulco escondido.

- “*É cobrilha. O pó fixou aí, não saiu e escondeu o sulco*”

Viajo a montante. Chego ao montado e 40% da produção de cortiça pode ter cobrilha. E desço à transformação e vejo que o despoeiramento e a lavação podem não limpar tudo.

Mas, a escolhedora tem de ver, sabe que muito do que escolhe começou no montado, que depende da qualidade do trabalho do fornecedor. Por isso, dizia:

- “*Uma boa rolha dá sono!*” [porque há um trabalho a montante com qualidade, porque a matéria-prima é de qualidade]

- “*A máquina não tem sono! Mas não sabe! Olhe esta... pegue nela, e veja!*”

A princípio não reparei, mas depois com o dedo, senti que parte do corpo da rolha não estava cilíndrico, mas plana. E ela diz:

- “*Caleira! Pode acontecer na brocagem*” [etapa de fabricação da rolha propriamente dita, através de uma broca manual; os broquistas furam o traço de cortiça para dar origem à rolha]

E voltamos a montante, agora na transformação, quando ao “picar o traço” o broquista fura o traço muito perto, em cima da anterior e apanha a face cortada do traço, ficando um sulco côncavo na rolha.

- “*Dizem que somos malandras aqui na escolha! Não se lembram que a cabeça está sempre a trabalhar e que é cansativo. (...) A máquina não sente e, por isso, não vê*”

- “Para mim, rolha é a natural [de cortiça]. A outra [a rolha técnica] é uma coisa...” - a sugerir que já está muito longe do sobreiro, da prancha de cortiça, é um produto muito transformado.

Vemos a partir deste exemplo como há uma tomada de posição relativamente à automatização da escolha, e como o *corpo-si* é matriz de arbitragens. O *corpo-si* traduz uma sabedoria do corpo resultado da confluência do biológico, do sensorial, do psíquico, do cultural, do histórico (Schwartz, 2000), e da dimensão territorial da atividade.

A experiência destas trabalhadoras (*l'héritage*) contribui para redefinir o projeto (*le projet*) de eficácia técnica que a automatização, por si só e definida de forma unívoca, não poderia fazer lograr. Tal como refere Schwartz (2000), todo “o ato técnico é reinvenção (...); não requer só um “sujeito”, mas uma entidade enigmática, charneira do biológico, do neuropsicológico, do psíquico, e do histórico-cultural” (pp. 570-571, tradução livre).

No quadro das microempresas que caracterizam este distrito industrial, o reconhecimento destes saberes é condição da sua própria sustentabilidade. Mas, este território, estruturado em rede (de relações sociais e materiais), é também atravessado por relações de poder, suscetíveis de comprometer a continuidade deste processo de patrimonialização.

4. Como garantir a preservação deste património e a sua ancoragem naquele território?

Um *projet-héritage* é atravessado por diferentes temporalidades, a sua compreensão situa-se tanto numa análise sincrónica quanto diacrónica. Ele vai sendo desenvolvido e é territorializado quando atinge um grau de consolidação definido. O confronto do *corpo-si* com mudanças tecnológicas não é nunca determinístico: há debates de normas e de valores, arbitragens, “*atos de valorização e de desvalorização*” (Schwartz, 2000, p. 569), em nome dos quais a história se refaz em permanência.

Assumimos o princípio de incomensurabilidade dos dois registos presentes em todo o ato técnico: o da técnica em si, sabendo que a sua eficácia depende sempre das condições locais, dos seus territórios específicos de implementação (Séris, 1994); e o de tomada de posição face à mudança tecnológica tendo como referência a experiência anterior. Concluímos, a partir das situações apresentadas, que a atividade exerce esta tomada de posição sobre a automatização, e propõe *projets-héritages* que contribuem, quer para a sua viabilidade, quer para a redefinição dos territórios do trabalho, tornando-os habitáveis, “vivíveis”.

A exploração dos debates imanentes ao *corpo-si* leva-nos a prosseguir a pesquisa considerando também os impactos na saúde associados a esta reconstrução dos territórios de trabalho. E a referência a Canguilhem bem no-lo revela: a saúde é construída a partir das tentativas de configuração do meio em torno das suas próprias normas. Mas, que constrangimentos e que impactos na saúde advêm das tentativas prosseguidas, mais ou menos conseguidas, pelos/as trabalhadores/as, face à normatividade da técnica?

E, partindo desta questão, uma outra se coloca a propósito da socialização do património: se este património se inscreve, em parte, no *corpo-si*, como o tornar visível e disponível coletivamente?

São estas as questões que atravessam atualmente as análises prosseguidas no contexto deste estudo: dar a ver os riscos e impactos na saúde que os atos técnicos das escolhedoras comportam, por um lado, e por outro lado, repensar as formas de os apreender, particularmente, quando estes impactos provêm não apenas da interação do corpo com fatores de risco, mas também de usos de si praticados em silêncio (Cunha, Silva, Macedo, & Lacomblez, under review).

Referências Bibliográficas

APCOR - Associação Portuguesa da Cortiça (2021). *The APCOR's Cork Yearbook 2020*. Santa Maria de Lamas: APCOR.

- BECATTINI, G. (1991). Italian Industrial Districts: Problems and Perspectives. *International Studies of Management & Organisation*, 21, 83-90. <https://doi.org/10.1080/00208825.1991.11656551>
- BRANCO, A., & PAREJO, F. (2011). *The creation of a competitive advantage in the Portuguese cork industry: the contribution of an industrial district*. Working Paper n° 43. Lisboa: Gabinete de História Económica e Social.
- CEGEA - Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada (2020). *A fileira da cortiça: da floresta ao consumidor*. Santa Maria de Lamas: APCOR.
- CUNHA, L. (s/d). Les apports de l'ergologie pour une intervention développementale territorialisée. In J. Arnoud, F. Barcellini, M. Cerf, & M-S. Perez (Dirs.), *Développement et Intervention*. Toulouse: Éditions Octarès [aceite para publicação em abril de 2021].
- CUNHA, L., & LACOMBLEZ, M. (2012). From the “terrain” to “territory”: which contributions from mobility and bus drivers' activity towards local development? *Work*, 41, 6156-6161. <https://doi.org/10.3233/WOR-2012-1077-6156>
- CUNHA, L., & LACOMBLEZ, M. (2021). Le territoire : un dispositif opératoire révélé par l'activité de travail. *Activités*, 18, 2. <https://doi.org/10.4000/activites.6925>
- CUNHA, L., SILVA, D., & MACEDO, M. (2021). “This Is a Job for Women, Isn't It?": The Evolution of a Traditional Gendered Occupational Segmentation in a Portuguese Industrial Cluster. In N. Black, W. Neumann, & I. Noy (Eds.), *Proceedings of the 21st Congress of the International Ergonomics Association (IEA 2021). Lecture Notes in Networks and Systems* (pp. 429–437). Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-030-74605-6_53
- CUNHA, L., SILVA, D., MACEDO, M., & LACOMBLEZ, M. (under review). “My whole body is at work”: the silence of gendered body techniques in work activity in the cork industry. *Ergonomics* [manuscrito sob revisão deste outubro de 2021].
- LACOMBLEZ, M. (2001). Analyse du travail et élaboration des programmes de formation professionnelle. *Relations Industrielles/Industrial Relations*, 56(3), 543-578.

SCHWARTZ, Y. (2000). *Le paradigme ergologique ou un métier de philosophe*. Toulouse : Octarès.

SCHWARTZ, Y. (2011). Pourquoi le concept de corps-soi ? Corps-soi, activité, expérience. *Travail & Apprentissages*, 7, 148–177. <https://doi.org/10.3917/ta.007.0148>

SCHWARTZ, Y. (2014). *Où se trouvent les réserves d'alternative ? Travail et « projets-héritages »*. Communication présentée au Séminaire de la Fondation Gabriel Péri. <http://institut.fsu.fr/Ou-se-trouvent-les-reserves-d-alternatives-Travail-et-projets-heritages.html>

SCHWARTZ, Y. (2020). Activité(s) et usages de soi : quel(s) 'milieux' pour l'humain ? *Les Études philosophiques*, 201, 93-123. <https://doi.org/10.3917/leph.201.0093>

SERIS, J.-P. (1994). *La technique*. Paris : Presses Universitaires de France.